

19 JUN 1997

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

A falta que um acordo não faz

É absolutamente desnecessário — além de altamente improvável — que o presidente Fernando Henrique Cardoso venha a firmar qualquer tipo de acordo formal com Paulo Maluf, tendo em vista a eleição de 1998. Da parte do ex-prefeito, convenhamos que hoje ele não precisa que FH peça ao eleitorado de São Paulo votos para sua eventual candidatura ao Palácio dos Bandeirantes. A recíproca é que pode não ser verdadeira.

Mas, mesmo não sendo, e ficando o presidente candidato à reeleição na dependência de um apoio de Maluf para fazer bonito junto aos paulistas, ainda assim Fernando Henrique não ganharia nada em firmar compromissos de qualquer natureza com aquele que é o maior adversário do PSDB em São Paulo.

Ao contrário. Estaria assinando, para o próprio partido, um salvo-conduto ao inferno. Muito provavelmente, na conversa de segunda-feira no Palácio da Alvorada, Fernando Henrique não tenha mesmo dito nada a Maluf que o autorize a começar a preparar a campanha estadual contando com a neutralidade do presidente. Isso talvez explique a recusa do ex-prefeito em dizer um único ai a respeito do que se conversou ali.

Mas, independentemente do que tenha sido ou não dito, para a alta tucanagem a simples simbologia do encontro já foi suficiente para fazer engrossar a suspeita de que Fernando Henrique, de fato, não atacará Maluf caso ele seja mesmo candidato ao governo e não a presidência.

Não causou espécie o encontro em si. Mas impressionou — e conversas tranquilizadoras do presidente não foram suficientes para conter a inquietação — o fato de Maluf ter merecido a intimidade do Alvorada. A cena, asseguram os que assim raciocinam, basta para antecipar o cenário da eleição de 98.

Onde a participação de um Fernando Henrique pouco empenhado na reeleição de Mário Covas, ou de quem quer que venha a ser o candidato tucano, será desastrosa. Segundo essas análises, que não pertencem aos escalões inferiores do PSDB, o simples fato de o presidente não tratar Paulo Maluf como o inimigo que José Serra, Sérgio Motta e Mário Covas acham que ele é, já significa um brutal favorecimento ao ex-prefeito. E, mais grave, aponta para a irremediável divisão do PSDB.

Que, hoje, deixa lentamente de abrigar apenas as magoas de políticos de médio coturno. Agora é o primeiro time quem já fala quase que abertamente num racha — eles chamam de “quebradura” — talvez definitivo. O que isso quer dizer exatamente em termos partidários ainda não está nítido.

Não respondem claramente quando se tenta vislumbrar qual é mesmo o horizonte. Se já é possível falar em rompimento — desses de verdade, semelhante ao que se deu quando os atuais tucanos, então pemedebistas, saíram em busca do próprio destino —, ou se no fim o poder cura todos os males.

Mas o fato é que a argumentação dos que vêm mau sinal na ida de Maluf ao Alvorada não é desprovida de sentido. Como o presidente optou pelo encontro, se não secreto, mas pelo menos ultradiscreto, sem testemunhas, acabou valendo a aparência. E, nesse campo, pelo menos até agora quem fez ponto foi Maluf.

Afinal, ele, que estava no chão, derrotado pela vitória da reeleição, constrangido pelas denúncias contra Celso Pitta, volta agora ao noticiário glorioso, outra vez assediado e envolto pela doce suspeita de que o presidente da República esteja interessado em fazer com ele acertos particulares.

E, se por uma dessas eventualidades da vida a quebra da estabilidade do funcionário público vier a ser aprovada pela Câmara, Maluf, que se comprometeu com o presidente a conseguir votos — e realmente está brigando por eles —, ainda se tornará parcialmente credor dessa vitória.

A complicar muito mais a vida dos tucanos, o PFL inteiro trabalha pela aproximação com Maluf — até porque quer apoiá-lo se for candidato ao governo estadual —, tarefa que é engrossada por pelo menos dois ministros de Fernando Henrique que não formam nas fileiras pefelistas nem nas tucanas. Articulam mais ou menos à luz do dia sem que sejam desautorizados por isso.